Para os mortos que tiveram a delicadeza de morrer de uma vez só; Aos cães que continuam olhando a estrada.

Meu pai tinha medo de cigarro. Não era um medo racional, desses que se explicam com estatísticas e radiografias de pulmão. Era um medo antigo, enterrado fundo, um medo que não era dele, mas que ele carregava como quem herda uma dívida. Quando menino, viu o próprio pai acender um cigarro de palha com a solenidade de um padre preparando um altar. A chama iluminava aquele rosto duro, sulcado pelo sol e pela miséria. Meu avô fumava como quem mastigava o tempo. E um dia, quando meu pai ainda tinha mãos pequenas e curiosidade suficiente para querer imitar os homens, levou um daqueles cigarros à boca. Foi então que ouviu a sentença.

Se eu te pegar fumando de novo, faço você engolir o cigarro inteiro.
Meu pai acreditou.

Há ameaças que envelhecem e apodrecem. Outras criam raízes.

Aquela criou.
Durante toda a vida ele desviou da fumaça como se ela ainda carregasse a voz do pai. Bastava alguém acender um cigarro que seu rosto endurecia. Eu nunca entendi. Achava engraçado. Achava exagero. Achava que os velhos inventavam seus próprios fantasmas para não morrer de tédio. Só depois percebi que a infância nunca acaba realmente. Ela apenas muda de roupa.
Agora ele estava morto.
Morto.

A palavra parecia menor do que a coisa.

Porque o corpo continuava ali. As mãos continuavam ali. As unhas que eu reconheceria em qualquer lugar continuavam ali. A curva do nariz, os fios brancos da sobrancelha, tudo continuava presente. Apenas ele não estava.
Era um velório pequeno. Não daqueles em que aparecem parentes esquecidos e amigos de infância contando histórias repetidas. Era um velório magro. Um velório quase envergonhado de existir. Minha irmã sentada numa cadeira de plástico. Dois colegas de trabalho que talvez nem soubessem o nome dos netos dele. Alguns vizinhos. Gente que estava ali mais por hábito do que por amor.

A morte também tem sua burocracia.

Lembro que olhei para todos eles e pensei que cada um carregava uma versão diferente do meu pai. Nenhuma delas me interessava.
Então tirei o cigarro do bolso.

Foi a primeira vez.

A primeira vez da minha vida em que acendi um cigarro em frente ao meu pai.

A chama iluminou meu rosto por um segundo.

Esperei alguma coisa acontecer.

Uma revelação.

Um alívio.

Uma revolta.

Qualquer coisa.

Mas não senti nada.

Nem culpa.

Nem liberdade.

Nem tristeza.

A fumaça entrou nos pulmões e saiu logo depois.

Era só fumaça.

Olhei para o corpo do meu pai.

Olhei para a ponta acesa.

Olhei para os presentes.

Nada.

Às vezes as pessoas falam do luto como uma ferida aberta.

Comigo foi diferente.

Era como uma casa abandonada.

As portas continuavam lá.

As janelas também.

Mas não havia ninguém dentro.

Minha irmã chorava.

Os vizinhos suspiravam.

Os colegas balançavam a cabeça em silêncio.

E eu apenas observava.

Com aqueles olhos de cão que ficam olhando a estrada depois que o dono já foi embora.

Sem entender.

Sem esperar.

Sem sentir.

Apenas olhando.

Olhos que já compreenderam tudo.

Olhos que continuam olhando mesmo assim.
Meu pai não sabia que eu fumava. Não porque fosse um homem severo, desses que ainda governam a vida das filhas depois que elas aprendem a pagar aluguel. Eu morava sozinha desde os dezessete anos. Já tinha conhecido quartos de pensão, contas atrasadas, amantes ocasionais, ressacas longas, a humilhação dos boletos e a soberania miserável de decidir sozinha o que fazer da própria fome. Meu pai não sabia porque eu precisava que não soubesse.

Existe uma diferença.
Se ele soubesse, alguma coisa em mim correria o risco de se tornar novamente filha.
E eu havia gasto anos tentando me livrar dessa condição.

Não da memória dele. Da posição.

Porque há pais que continuam existindo menos como pessoas do que como um ponto fixo dentro da cabeça. Um eixo. Um norte. Um juiz aposentado que já não dá sentença alguma, mas cuja presença basta para modificar a postura dos réus.

Enquanto meu pai ignorava o cigarro, eu podia acreditar que minha vida me pertencia.

Era uma superstição.

No velório compreendi isso.

Acendi o cigarro e observei a fumaça subir. Nenhum raio caiu do teto. Nenhuma revelação aconteceu. Nenhum sentimento oculto veio à tona para reivindicar seu espaço.
Eu não estava triste.
Essa é a parte difícil de admitir.

Minha irmã chorava. Os vizinhos executavam suas pequenas liturgias da condolência. Havia flores, café morno, cadeiras desconfortáveis e aquele cheiro adocicado de morte recente misturado a desinfetante.

Mas eu não estava triste.

Estava vazia.

E vazio é diferente.

A tristeza ainda é uma forma de presença.

O vazio não.

O vazio é quando a alma abandona a própria casa e deixa os móveis para trás.

Lembro de pensar no sangue entre minhas pernas.

Eu estava menstruada.

Meu corpo continuava produzindo seus ciclos com uma insistência quase ofensiva. Havia alguma coisa de grotesco naquela persistência biológica. O organismo continuava acreditando numa fertilidade que jamais desembocou em criança alguma. Continuava preparando quartos para hóspedes que nunca chegariam.

E eu fumava.

Pensei então que talvez toda a minha vida tivesse sido organizada em torno do desejo.

Não do amor.

Do desejo.

Porque amor é palavra de sacerdote.

Desejo é palavra de animal.

Eu sempre fui uma mulher atravessada pelo desejo. Não necessariamente pelos homens. Nem pelas mulheres. Nem pelo sexo em si. Pelo movimento. Pela fome. Pela procura. Pela vertigem de querer alguma coisa.

Mesmo quando não encontrava ninguém, existia a expectativa.

Uma espécie de corrente elétrica.

O mundo parecia vivo porque alguma coisa em mim continuava desejando.

Mas nos últimos tempos até isso desaparecera.

E essa era a verdadeira tragédia.

Não a morte do meu pai.

Não a ausência dos amigos.

Não o abandono da análise.

Não o bar onde eu já não entrava.

A tragédia era a retirada silenciosa do desejo.

Como uma maré.

Sem alarde.

Sem explicação.

Durante anos eu havia acreditado que minha sexualidade era uma fonte inesgotável. Uma força da natureza. Algo que sobreviveria a qualquer desastre. Aos fracassos, às decepções, à passagem do tempo.

Mas ali estava eu.

Frígida.

Não no sentido médico.

Não no sentido moral.

Frígida como uma cidade depois da guerra.

As ruas continuavam de pé.

Os edifícios continuavam de pé.

Mas ninguém habitava mais nada.

Eu ainda possuía corpo.

Ainda possuía memória.

Ainda possuía fantasias.

Mas era como olhar fotografias de uma civilização extinta.

Lembrava da mulher que fui como se lembrasse de uma conhecida distante.

Ela frequentava bares.

Ela desaparecia com estranhos.

Ela acreditava que a próxima noite poderia alterar o curso da existência.

Eu a observava de longe.

Com a mesma curiosidade com que observava meu pai dentro do caixão.

Ambos me pareciam igualmente inacessíveis.

Talvez por isso eu não chorasse.
Houve um tempo em que eu acreditava ter encontrado o amor da minha vida.

Não digo isso com ironia. Digo com a vergonha tranquila de quem já sobreviveu às próprias convicções.

Eu acreditava.

Acreditava com a seriedade de uma criança diante de uma aparição religiosa.

Não porque tivéssemos construído alguma coisa. Não porque houvesse promessas, planos ou fotografias. Havia apenas uma noite. Algumas horas. Um corpo. Uma conversa. Uma

impressão tão violenta de reconhecimento que passei anos confundindo intensidade com permanência.

Talvez porque eu nunca tenha amado ninguém.

Ou talvez porque eu tenha amado justamente ali.

Não sei.

No velório do meu pai, enquanto observava as pessoas entrando e saindo, imaginei por um instante uma vida que nunca existiu.

Ele estaria ali.

Em pé ao meu lado.

Uma mão pousada no meu ombro.

Os dedos apertando levemente a minha nuca como fazia naquela noite, quando tudo ainda parecia possível.

Meu pai teria gostado dele.

É o tipo de mentira que contamos para nós mesmos depois que as coisas acabam.

Meu pai teria gostado dele.

Teria chamado de genro.

Teria contado histórias repetidas.

Teria reclamado da política.

Da gasolina.

Da chuva.

E então morreria.

E nós dois estaríamos ali, lado a lado, chorando.

Ele massagearia meus ombros tensos.

Eu apoiaria a cabeça em seu peito.

Nós nos lembraríamos de como meu pai tinha sido um homem difícil, mas bom.

Nós sofreríamos juntos.

Nós envelheceríamos juntos.

Nós..

Percebi isso de repente.

Passei anos carregando aquela noite como quem transporta uma relíquia religiosa dentro do bolso. Voltei a ela em momentos de solidão. Voltei para ela em madrugadas. Voltei a ela em relações fracassadas. Voltei a ela sempre que precisava provar para mim mesma que alguma coisa verdadeira havia acontecido.

Mas, diante do corpo do meu pai, compreendi uma coisa estranha.

Aquela noite já possuía uma vida antes de mim.
Construí uma casa inteira sobre uma faísca.

Olhei ao redor.

Os vizinhos falavam baixo.

Minha irmã enxugava os olhos.

A fumaça do cigarro subia lentamente.

E me ocorreu que eu havia passado muito tempo esperando que uma única noite justificasse a existência inteira.

Como se a vida fosse obrigada a apresentar uma explicação para si mesma.

Como se alguém devesse voltar.

Como se algum amor estivesse atrasado.

Como se ainda houvesse uma narrativa em andamento.

Mas não havia.

O homem estava morto.

E meus amigos também não estavam ali.

Não porque fossem maus amigos.

Essa é a mentira mais confortável que contamos a nós mesmos quando nos sentimos abandonados.

A verdade costuma ser mais humilhante.

As pessoas apenas continuam vivendo.

Um deles estava em outro estado. Quando o conheci, acreditávamos que a vida seria uma sucessão de noites, música alta e conversas intermináveis. Ele passou os vinte anos dentro de uma banda. Anos carregando equipamentos, ensaiando em garagens, dormindo pouco, acreditando que a próxima apresentação mudaria tudo. Depois o trabalho venceu. Não de uma vez. Lentamente. Como sempre acontece. O trabalho não destrói sonhos. Apenas os cansa.

Já fazia tempo que não conversávamos.

Às vezes eu via alguma fotografia perdida na internet e tinha a impressão de observar um primo distante ou um colega de escola cuja existência eu quase esquecera.

O afeto continuava existindo.

Mas enterrado.

Como cidades antigas sob camadas de terra.

Minha amiga era diferente.

Com ela doeu.

Quando foi embora para outra cidade, sofri de verdade. Não da forma dramática das despedidas de cinema. Sofri como as pessoas sofrem quando perdem um idioma.

Porque certas amizades se tornam uma língua.

Você passa anos aprendendo a falar através daquela pessoa.

Aprende os gestos.

As referências.

As piadas.

As pausas.

Depois ela vai embora.

E de repente você ainda conhece todas as palavras, mas já não sabe formar frases.

Durante muito tempo continuei falando com ela dentro da minha cabeça.

Era ridículo.

Via alguma coisa na rua e imediatamente pensava no que ela diria.

Lia um livro e imaginava sua opinião.

Entrava num bar e procurava seu rosto por um segundo antes de lembrar que ela não estava mais ali.

A distância não mata ninguém.

Mas altera a densidade das coisas.

Com o tempo nossas conversas diminuíram.

Depois diminuíram mais.

Depois passaram a existir apenas em ocasiões específicas.

Aniversários.

Mensagens atrasadas.

Alguma notícia importante.

A vida, essa palavra horrível, foi ocupando espaço entre nós.

E a vida sempre vence.

No velório do meu pai pensei neles.

Não porque esperasse sua presença.

Mas porque me dei conta de que já não mantinha presença em lugar algum.

Primeiro você demora para dizer

Depois esquece.

Depois não sabe mais o que dizer.

Depois se convence de que é tarde demais.

Então o silêncio se instala e passa a parecer natural.

Eu havia me tornado especialista nisso.

Em desaparecer.
Também havia a analista.

Durante muito tempo acreditei que ela saberia alguma coisa que eu não sabia.

Não sobre teoria. Não sobre infância. Não sobre traumas. Sobre mim.

Eu chegava às sessões como quem leva um objeto quebrado a um restaurador. Sentava, falava, esperava.

E, durante um período que me constrange admitir, tentei impressioná-la.

Não de maneira romântica.

Pior.

Intelectualmente.

Queria que ela percebesse que eu era interessante apesar do sofrimento. Queria formular a dor com elegância. Queria encontrar frases bonitas para explicar aquilo que nem eu compreendia. Às vezes saía de uma sessão e passava horas pensando numa resposta melhor para algo que ela havia perguntado. Como uma estudante que deixa a sala de aula convencida de que poderia ter escrito uma redação mais brilhante.

Era exaustivo.

Porque eu não estava apenas sofrendo.

Eu estava administrando a imagem do meu sofrimento.

E existe uma diferença.

Aos poucos comecei a perceber uma coisa desagradável.

Eu falava sempre das mesmas coisas.

Mudavam os meses.

Mudavam os homens.

Mudavam os cenários.

Mas o núcleo permanecia idêntico.

Era como observar um rio por anos até compreender que ele não está indo para lugar nenhum.

As histórias mudavam de roupa.

Só isso.

Eu continuava retornando aos mesmos medos.

À mesma fome.

À mesma ausência.

À mesma sensação de estar sempre perdendo alguma coisa que nem sequer sabia nomear.

Havia sessões em que eu me escutava falando e sentia um tédio quase físico.

Não dela.

De mim.

A narradora da minha própria vida começava a soar repetitiva.

As mesmas feridas.

As mesmas obsessões.

Os mesmos fantasmas.

Lembro de uma tarde em que saí do consultório e caminhei alguns quarteirões sem direção. Não aconteceu nada de especial. Nenhuma revelação. Nenhuma frase memorável.

Apenas compreendi que anos haviam passado.

Eu havia tentado.

De verdade.

Tentado entender.

Tentado elaborar.

Tentado lembrar.

Tentado nomear.

E ainda assim continuava sofrendo.

Talvez de formas mais sofisticadas.

Talvez com mais vocabulário.

Mas continuava.

Aquilo me assustou.

Porque eu sempre carregara a fantasia de que o sofrimento possuía um centro. Um mecanismo oculto. Um parafuso solto que alguém eventualmente encontraria.

E se não houvesse?

E se aquela fosse simplesmente a textura da minha existência?

Não a doença.

A textura.

A partir daí comecei a faltar.

Primeiro uma sessão.

Depois outra.

Depois uma mensagem dizendo que não conseguiria ir.

Depois silêncio.

Não houve despedida.

Não houve ruptura.

Não houve cena final.

Apenas desapareci.

Como desapareci de tantas outras coisas.

Às vezes penso nela.

Imagino a sala.

A poltrona.

O relógio.

Os livros.

Imagino outra pessoa sentada no lugar que foi meu durante tanto tempo.

Outra pessoa tentando explicar a própria tristeza.

Outra pessoa acreditando que, se falar o suficiente, alguma porta secreta acabará se abrindo.

Talvez se abra.

Talvez não.

Eu não descobri.

Só sei que um dia percebi que estava cansada de me ouvir.

E quando isso aconteceu, deixei de comparecer.

Não porque estivesse curada.

Mas porque já não conseguia suportar a repetição da minha própria voz ecoando dentro de uma sala silenciosa.

Como uma mulher que bate durante anos na mesma porta e, num dado momento, não desiste por falta de esperança.

Desiste por exaustão.
Havia também o gato.

A essa altura, eu já começava a suspeitar que ele sobreviveria a todos nós.

Adotei-o aos quatorze anos, quando ainda acreditava que o tempo era uma substância abundante, algo que se desperdiçava sem consequências. Eu era outra pessoa. Meu pai ainda era outro homem. Os amigos ainda habitavam as mesmas cidades. O futuro ainda possuía a arrogância das coisas distantes.

O gato continuava vivo.

Às vezes eu o observava dormindo e me sentia estranhamente ofendida por aquela permanência.

Porque tudo havia mudado.

As casas.

Os amores.

Os corpos.

As cidades.

Eu mesma.

Mas ele continuava atravessando os cômodos com a mesma indiferença majestosa dos animais velhos.

Depois me mudei para cursar a faculdade.

Outra cidade.

Outro apartamento.

Outras ruas.

Fiquei.

Os anos passaram e eu continuei ficando.

A cidade deixou de ser novidade. Depois deixou de ser escolha. Depois deixou de ser assunto.

Era simplesmente o lugar onde eu acordava.

O lugar onde comprava pão.

O lugar onde pagava aluguel.

O lugar onde voltava depois dos velórios.

A vida adulta acontece assim.

Não através das grandes decisões.

Mas através das repetições.

Você permanece tempo suficiente em algum lugar e, de repente, percebe que suas memórias já pertencem àquele território.

Eu voltava para casa depois do enterro do meu pai e sabia exatamente o que encontraria.

O gato.

O apartamento.

A louça.

As roupas.

As contas.

A ração.

Era preciso encher o pote.

Essa ideia me perturbava.

Não porque fosse difícil.

Mas porque era inevitável.

Meu pai podia morrer.

Amores podiam desaparecer.

Amizades podiam se dissolver.

Eu podia passar horas olhando para o vazio sem compreender o sentido de continuar existindo.

Ainda assim seria preciso colocar ração no pote.

Havia alguma coisa de brutal nessa continuidade.

A morte produz uma espécie de expectativa secreta.

Esperamos que o mundo pare por respeito.

Mas o mundo não para.

O gato continua com fome.

A pia continua cheia.

O aluguel continua vencendo.

As plantas continuam precisando de água.

A vida continua exigindo pequenas tarefas de quem já não possui grandes convicções.

Talvez fosse isso que mais me perturbasse.

Não o sofrimento.

O sofrimento eu conhecia.

Conhecia desde jovem.

Conhecia tão bem que já não me surpreendia.

O que me perturbava era a persistência.

A insistência obscena da realidade.

Eu podia passar uma tarde inteira tentando compreender por que minha vida havia se tornado aquilo.

Podia me afundar em memórias.

Em fantasias.

Em lutos.

Em ausências.

Mas, ao final do dia, ainda precisaria voltar para casa.

Abrir a porta.

Ouvir os passos do gato.

Pegar o saco de ração.

Encher o pote.

E aquilo me parecia mais absurdo do que qualquer tragédia.

Porque havia algo de profundamente humilhante em descobrir que a existência não exige significado para continuar funcionando.

Ela exige apenas continuidade.

O gato nunca perguntou se eu estava feliz.

Nunca perguntou se eu havia amado.

Nunca perguntou por que parei de ver meus amigos, por que abandonei a análise ou por que ainda pensava numa única noite acontecida anos atrás.

Ele apenas me observava com aqueles olhos antigos.

Depois caminhava até a cozinha.

Esperava.

E eu compreendia que, apesar de tudo, ainda havia alguém me aguardando voltar para casa.

Não por amor.

Não por admiração.

Não por necessidade espiritual.

Mas porque o pote estava vazio.

E talvez essa fosse a forma mais honesta de vínculo que ainda restava na minha vida.

A vida me perturbava justamente por isso.

Porque ela continuava.

Continuava quando já não havia entusiasmo.
Continuava quando já não havia promessa.
Continuava quando até mesmo o desejo parecia ter abandonado o corpo.

Eu não sabia há quanto tempo não gozava.

Talvez semanas.

Talvez meses.

O tempo havia adquirido uma textura estranha. Os dias não se acumulavam mais em acontecimentos, mas em repetições. Eu acordava, voltava para casa, alimentava o gato, pagava contas, observava a cidade pela janela. Às vezes passava diante de pessoas bonitas e reconhecia intelectualmente a beleza delas, como quem reconhece um quadro num museu. Existia a forma, mas já não existia o impulso.

Isso me assustava mais do que a morte.

Meu pai estava morto.

Todos entendiam aquilo.

Havia flores para isso.

Orações para isso.

Documentos para isso.

Mas ninguém sabia nomear o desaparecimento gradual de uma fome.

Ninguém fazia velório para o desejo.

Eu continuava possuindo o mesmo corpo.

Os mesmos seios.

As mesmas pernas.

A mesma pele.

Mas algo tinha ido embora.

Eu sempre havia vivido através do corpo. Não de maneira vulgar. De maneira desesperada. O desejo era uma bússola. Uma confirmação de que eu ainda estava ligada ao mundo. Bastava desejar alguma coisa para que o mundo recuperasse profundidade. As ruas pareciam mais vivas. As noites mais longas. As pessoas mais interessantes.

Agora nada.

Uma calma morta.

Uma espécie de inverno que não terminava.
Talvez estivesse apenas me tornando outra pessoa.

Uma pessoa que eu não reconhecia.
Olhei novamente para o cigarro.

Ele já estava no fim.

A brasa consumia os últimos milímetros de fumo.

Pensei no meu pai.

Pensei na minha irmã.

Pensei nos amigos espalhados por cidades que eu já não visitava.

Pensei na analista.

Pensei naquela única noite que carreguei durante anos como quem carrega um objeto sagrado.

Pensei em todas as mulheres que fui.

A estudante.

A apaixonada.

A bêbada.

A desejante.

A filha.

Nenhuma delas parecia presente.

Foi então que uma pequena cinza se desprendeu.

Caiu sobre minha mão.

Um toque mínimo.

Quase nada.

Instintivamente afastei o cigarro.

A brasa morreu.

Apenas acabou.

E naquele exato instante uma lágrima escorreu.

Uma única lágrima.

A primeira daquele dia.

A primeira de muito tempo.

Não chorei pelo meu pai.

Essa foi a parte mais terrível.
Isso foi o que percebi imediatamente.

Não era por aquele corpo imóvel diante de mim.

Não era pela infância.

Não era pela família.

Não era por ele.

Meu pai já estava morto havia horas.

Eu não estava diante do corpo do meu pai.

Estava diante dos restos da minha própria vida.
A lágrima caiu sobre a mesma mão onde a cinza havia caído segundos antes.

Depois secou.

E eu permaneci ali.